

## Bibliotecários: sob o prisma das experiências de uma testemunha ocular

Silvana da Silva Antonio Arduini

Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP, Brasil

[silmitcamp@yahoo.com.br](mailto:silmitcamp@yahoo.com.br)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n3.2021.39257>

Recebido/Recibido/Received: 2021-04-09

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2021-09-01

**Resumo:** Diante de discussões recentes na Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre o papel social, cultural e educativo do bibliotecário na Era da Informação, este trabalho questiona que representações deste profissional aparecem na história da Biblioteconomia brasileira. O trabalho propõe-se a identificar e discutir representações de bibliotecários presentes em declarações expressas por Rubens Borba de Moraes em nove entrevistas concedidas no período de 1978 a 1986. Período em que o intelectual revê sua própria experiência que inclui sua participação na Semana de Arte Moderna de 1922, o trabalho na Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo e à docência universitária, como professor de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, onde se aposentou. Para levantar as categorias de análise, realizamos uma leitura a partir de marcadores discursivos, a saber: a utilização de pronomes pessoais no momento de descrição das ações, o emprego de verbos e a utilização da negação como modo de definição. Com isso, foi possível identificar como Moraes se auto apresentava no momento da fala; as temáticas abordadas; a recorrência de exemplos históricos e de vida e os conceitos e representações reiterados durante o discurso. Sobre as temáticas recorrentes identificamos sua preocupação constante em relacionar a identidade do bibliotecário com os caminhos da Biblioteconomia brasileira ao longo de sua história. Vemos críticas a um bibliotecário cioso pelo seu papel político, o que segundo Moraes não foi assumido em plenitude pelo profissional da área.

**Palavras-chave:** Bibliotecário. Rubens Borba de Moraes. História da Biblioteconomia. Brasil.

### **Bibliotecarios: desde la perspectiva de las experiencias de un testigo ocular**

**Abstract:** Faced with recent discussions in Library Science and Information Science about the social, cultural, and educational role of the librarian in the Information Age, this work questions which representations of this professional appear in the history of Brazilian Librarianship. The work proposes to identify and discuss librarians' depictions presents in statements expressed by Rubens Borba de Moraes in nine interviews given by him from 1978 to 1986. A period in which the intellectual reviews his own experience, which includes his participation in the "Semana de Arte Moderna" in 1922, working in the Libraries Division of the Department of Culture of the city of São Paulo, and teaching at the university, as a professor of Library Science at the University of Brasília, where he retired. To raise the categories of analysis, we performed a reading based on discursive markers, namely: the use of personal pronouns when describing actions, the use of verbs, and the use of negation as a definition. With this, it was possible to identify how Moraes presented himself at the time of speech; the themes addressed; the recurrence of historical examples and life examples, and the concepts and representations reiterated during the interview. On the recurring themes, we identify his constant concern in relating the librarian's identity with the paths of Brazilian Librarianship throughout its history. We see criticism

of a librarian who is jealous of his political role, which, according to Moraes, was not fully assumed by the professional in the area.

**Keyword:** Librarian. Rubens Borba de Moraes. Brazilian Librarianship. Brasil.

### **Bibliotecarios: desde la perspectiva de las experiencias de un testigo ocular**

**Resumen:** Frente a las discusiones recientes en Bibliotecología y Ciencia de la Información sobre el rol social, cultural y educativo de los bibliotecarios en la Era de la Información, este artículo cuestiona qué representaciones de este profesional aparecen en la historia de la Bibliotecología brasileña. La obra propone identificar y discutir representaciones de bibliotecarios presentes en declaraciones expresadas por Rubens Borba de Moraes en nueve entrevistas concedidas entre 1978 y 1986. Periodo en el que el intelectual repasa su propia experiencia, que incluye su participación en la Semana del Arte Moderno en 1922, el trabajo en la División de Bibliotecas del Departamento de Cultura de la ciudad de São Paulo y enseña en la universidad, como profesor de Bibliotecología en la Universidad de Brasilia, donde se jubila. Para plantear las categorías de análisis, realizamos una lectura basada en marcadores discursivos, a saber: el uso de pronombres personales al describir acciones, el uso de verbos y el uso de la negación como definición. Con esto, fue posible identificar cómo se presentó Moraes en el momento del discurso; los temas abordados; la recurrencia de ejemplos históricos y de vida y los conceptos y representaciones reiterados durante el discurso. Sobre los temas recurrentes, identificamos su preocupación constante por relacionar la identidad del bibliotecario con los caminos de la Bibliotecología brasileña a lo largo de su historia. Vemos críticas a un bibliotecario celoso de su rol político, que, según Moraes, no fue asumido plenamente por el profesional del área.

**Palabras clave:** Bibliotecário. Rubens Borba de Moraes. Historia de la Bibliotecología. Brasil.

## **1 Introdução**

Passividade e neutralidade. Esses dois termos definem as críticas aos bibliotecários do século XXI fomentados, nos últimos anos, por correntes da Biblioteconomia que se autodenominam progressistas. Esse grupo discute a participação da classe bibliotecária em problemáticas de ordem político cultural definidoras das hegemonias culturais. Por entendermos que no cerne dessa mobilização há ações e bandeiras não tão novas como parecem, propusemos neste artigo colaborar com a compreensão historiográfica discursiva global no que diz respeito às questões essenciais que afetam as relações entre Biblioteca, Educação, Cultura e Sociedade, no Brasil.

Tomando-se como ponto de partida o momento privilegiado da constituição do campo e discursos de um de seus atores principais, Rubens Borba de Moraes (RBM), o presente trabalho propõe-se a identificar representações de bibliotecários presentes nos discursos de RBM no período de 1978 a 1986, momento em que o pioneiro intelectual revê sua própria experiência profissional. Esta experiência incluiu a criação, em 1935, da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo, juntamente com Mário de Andrade e outros artistas e intelectuais ligados ao movimento Modernista; a Direção das Bibliotecas da ONU em Nova York e em Paris e à docência universitária na Universidade de Brasília, onde se aposentou pela segunda vez.

No primeiro momento, foi realizado um levantamento das entrevistas concedidas por RBM listadas no livro de Suelena Pinto Bandeira (2007) e no livro de memórias do próprio Moraes (2011), organizado por Antônio Agenor Briquet de Lemos. No segundo momento, foram realizadas buscas em acervos históricos de bibliotecas e arquivos que possuem documentos ligados às suas atividades profissionais e à história da Biblioteconomia. No total, tivemos acesso a nove entrevistas, das quais seis encontravam-se em formato de texto (uma não publicada em revistas da área) e três em formato de áudio, às quais será dada ênfase especial por se tratarem de entrevistas inéditas.

Para levantar as categorias de análise, realizamos uma leitura a partir de marcadores discursivos, a saber: a utilização de pronomes pessoais no momento de descrição das ações, o emprego de verbos e a utilização da negação como modo de definição. Com isso, foi possível identificar como Moraes se auto apresentava no momento da fala; sua interação com os entrevistados; as temáticas abordadas, bem como as sequências e o tempo dispendido para comentá-las; a recorrência de exemplos históricos e de vida e os conceitos e representações reiterados durante o discurso.

Com vistas a melhor desenvolver a proposta deste artigo, organizamos o texto em três partes. Na primeira, apresentaremos aspectos relacionados à fase de vida pública de RBM no momento das entrevistas. Na segunda, reunimos relatos de suas experiências como bibliotecário. Na terceira, trazemos para a discussão apontamentos sobre as representações de bibliotecários na visão de RBM, após sua larga experiência na área. Nas considerações finais, discutimos os tópicos recorrentes e construímos nossa contribuição aos debates contemporâneos que resgatem as problemáticas abordadas por Moraes.

## **2 Desenvolvimento**

O número concentrado de entrevistas concedidas por Rubens Borba de Moraes no período entre 1978 e 1986, aponta para o fato de que ele estava no auge do reconhecimento de suas atividades como bibliotecário, além de demonstrar preocupação em fomentar discussões em torno dos papéis dos bibliotecários na sociedade. As entrevistas também sinalizam que, no final de sua vida, estava preocupado com a memória que deixaria, daí procurar construir um balanço de sua trajetória. Assim sendo, mais do que um recorte temporal de vida e atuação, espera-se nas próximas linhas apresentar um recorte discursivo delimitado pelo momento de vida do protagonista. Com isso, extrair elementos que lancem questões de ordem geral, relacionadas à constituição de representações que configuraram a identidade bibliotecária no país, ao longo do século XX e que continuam atuando no presente, marcado por questionamentos profundos trazidos pela “era da informação”.

## 2.1. Imagens negociadas de ‘minhas lembranças’

No período referido pelas entrevistas em pauta (1978-86), Moraes já havia se retirado fisicamente da atuação profissional. Continuava, contudo, a ser protagonista em projetos do universo dos livros e das bibliotecas, além de escrever o que hoje é seu livro de memórias. No livro, se autodenomina como “testemunha ocular” (MORAES, 2011) de um processo profundo de transformação cultural no Brasil dos anos 1930 e 1940. Na fase das entrevistas, morava em sua casa na cidade de Bragança Paulista e já se encontrava aposentado compulsoriamente, por idade, como funcionário das Organizações das Nações Unidas (ONU), onde atuou como vice e depois diretor de biblioteca, e também como diretor do Centro de Informações da ONU em Paris. Além disso, já era professor emérito da Universidade de Brasília, onde lecionou no curso de Biblioteconomia durante aproximadamente dez anos, de 1963 a 1974.

Entre os anos de 1974 e 1976, recebeu diversas condecorações em função dos trabalhos que desenvolveu ao longo de sua trajetória como bibliotecário e bibliógrafo, além de ser convidado a participar de importantes iniciativas em várias Universidades. Na Universidade de Brasília (UnB), recebeu o título de professor emérito no ano de 1974; na Universidade de São Paulo (USP), fez parte da Congregação especial do concurso de livre Docência da cadeira de Sociologia II, da Faculdade de Ciências e Letras (FFLCH), em 1976, e também constituiu a Comissão de estudos da nova sede do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) em 1975; na Universidade de Campinas (Unicamp), em 1976, foi convidado a realizar um estudo para implantação de um sistema de bibliotecas universitárias. Além disso, foi eleito presidente de honra do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação que aconteceu em Brasília. Ainda no mesmo ano, viveu outro acontecimento importante: a publicação da segunda edição do livro “Bibliófilo aprendiz”, pela Editora Nacional.

A primeira entrevista da série foi concedida a Antônio Agenor Briquet de Lemos em 1978. A conversa girou em torno de temas que os conectavam como colegas de profissão. Dois anos depois, em 17/09/1980, alunos do curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes, juntamente com a professora Neusa Dias de Macedo.

A terceira entrevista, considerada neste *corpus*, é de 1981 e foi organizada pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS), dentro de um projeto de registro de memória de pessoas que se destacaram no campo de estudos brasileiros. O projeto era coordenado por Ernani Silva Bruno e tinha como assistente Maria de Lourdes Julião. Participaram como entrevistadores: José Mindlin, Aracy Amaral e Etelvina Lima<sup>1</sup>. Ainda em 1981, ano em que RBM entrou para a

---

<sup>1</sup> José Mindlin e RBM eram amigos pessoais unidos pela Bibliofilia e movidos por uma paixão pela bibliografia brasileira. RBM designou em testamento parte de sua biblioteca pessoal aos cuidados de Mindlin. Em 1979, Mindlin publicou duas obras de RBM: *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*, e uma edição limitada do *Lembrança de Mário*

Academia Paulista de Letras, foi homenageado pela Biblioteca Mario de Andrade onde concedeu uma entrevista estruturada que foi publicada em 1992 pela revista da biblioteca.

Em 1982 o entrevistador foi Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes que conversou com RBM ao final de uma festa organizada por alunos da Universidade de Brasília. Em agosto do mesmo ano, Rubens Borba de Moraes foi entrevistado no projeto de Memória Oral da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), do Ministério da Cultura. O projeto tinha como proposta que a Fundação Nacional Pró-Memória registrasse e divulgasse relatos de antigos funcionários e colaboradores do órgão consideradas relevantes para a história do SPHAN.

No ano seguinte, 1983, foi a vez de May Brooking Negrão e sua orientadora de mestrado Neusa Dias de Macedo, ambas ligadas a estudos e práticas de bibliotecas públicas. As pesquisadoras foram até o 'solar' de Moraes, em Bragança Paulista, para entrevistá-lo. Negrão publicou a entrevista definida por ela como informal, em forma de crônica, na 'Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação' nº 2 de 1999/2000. Sebastião de Souza, também por ocasião de seu mestrado, da mesma forma entrevistou Moraes em sua residência. A entrevista foi amplamente divulgada nos meios bibliotecários, por ter sido publicada no *Boletim Informativo da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal* de 1988.

O último depoimento de RBM antes de sua morte em setembro de 1986 foi promovido por professores da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, dentre eles: o professor Luiz Milanese, a professora Johanna Smith e o professor Oswaldo Francisco de Almeida Junior.

A entrevistas abordaram vários assuntos, o que permitiu-nos identificar marcas do pensamento dele sobre temas de ordem pessoal como seus hábitos de leitura, sua bibliofilia, formação de biblioteca particular, sua identidade em relação aos livros; e também de ordem pública o que inclui a problematização que o envolveu na Biblioteconomia brasileira. Sobre esse aspecto encontramos: as condições das bibliotecas públicas brasileiras, sua participação na primeira Escola de Biblioteconomia, problemas com políticos e políticas culturais tecnocráticas, planos de Biblioteconomia, movimento associativo (Associação Paulista de Bibliotecários-APB).

Consideramos relevante para este artigo as reincidências em que toca nas problemáticas que envolveram o Plano de Bibliotecas idealizado pelos modernistas e dirigido por ele quando na Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura. Ainda dentro desse escopo aparece com frequência as lutas que travou com políticos e bibliotecários por divergência na concepção

---

*de Andrade: 7 cartas.* Já Etelvina Lima foi uma de suas primeiras alunas de Biblioteconomia. RBM confunde-se quando a apresenta como ex-aluna da primeira turma do curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura. De acordo com Fiuza (2000), Etelvina Lima foi sua aluna em 1944. À época era funcionária da prefeitura de Belo Horizonte e com isso realizou o curso com bolsa da Rockfeller. Além do mais, foi docente na Universidade de Brasília no mesmo período que RBM. Aracy Amaral, estudiosa no campo das artes e Arquitetura, especialista sobre a Semana da Arte Moderna de 1922 também participou da entrevista.

conceitual do que deveriam ser as bibliotecas. Nesse sentido, interessa-nos de modo especial como RBM oscila entre a construção de narrativas sobre a atuação de bibliotecários nessas lutas nos anos 1930 e 1980. Isso justifica o percurso que faremos nas próximas páginas.

## **2.2. 'Foi assim que virei bibliotecário'**

Nessa parte do texto, destacaremos das memórias de RBM sua atuação como protagonista cultural (PERROTTI, 2017) de um plano de bibliotecas levado a cabo pelo Departamento de Cultura e Recreação, bem como sua atuação como bibliotecário da Biblioteca Nacional brasileira e da Organização das Nações Unidas, nos Estados Unidos e na França. Portanto, as falas aqui apresentadas são de um bibliotecário que teve atuações significativas para o campo no Brasil e no exterior, mas que se encontra no momento das entrevistas numa posição de retirada do campo profissional e ao mesmo tempo de retomada de sua bibliofilia.

Antes de responder às perguntas de interesse específico de seus interlocutores, Rubens faz uma apresentação descritiva de sua biografia profissional. Apresenta uma fala no sentido de transmitir humildade por não compreender direito o que interessa a seu interlocutor, já que como ele mesmo diz “as coisas, que naquela época para mim não pareceram muito importante, hoje têm uma importância capital, então hoje eu preciso do auxílio das pessoas em me perguntarem o que as interessam” (MORAES, 1981, p.1).

A fala de Rubens parece indicar que há um trabalho de retórica (AMOSSY, 2005) que norteia o discurso por ele desenvolvido ao longo da entrevista. Se observarmos o modo como RBM utiliza expressões, tom de voz e a sequência dos assuntos e se, além disso, considerarmos o momento de vida no qual se encontra, poderemos observar elementos de linguagem que revelam haver, por parte do entrevistado, preocupação em construir o autorretrato de um intelectual militante (BUTLEN, 2008).

Quando questionado por Etelvina Lima, sobre ter se tornado primeiro bibliófilo ou bibliotecário, Moraes inicia uma retrospectiva em torno do hábito da leitura desenvolvido ainda na infância, por incentivo de seu pai que, ao perceber seu interesse por uma coleção de livros, condicionou a aquisição do próximo livro à leitura do que tinha em mãos (MORAES, 1981).

RBM relaciona o prazer físico que sente ao tocar nos livros também a essa fase de vida. Em seguida, na maioria das entrevistas, comenta sua curiosidade sobre a “ordem dos livros”, empregada na biblioteca universitária na qual formou-se, na Suíça. Os catálogos o incitavam a buscar compreender a ordem estabelecida no acervo. Foi na Suíça que RBM iniciou a biblioteca

particular que trouxe para o Brasil e que nutriu a sede do grupo modernista, especialmente Mário de Andrade (MORAES, 1981).

Moraes (1981, p. 4) delimita o início de percurso como bibliotecário com a expressão ‘foi assim que virei bibliotecário’, ao se referir à indignação com as bibliotecas públicas da cidade de São Paulo em pleno processo de industrialização. Embora em sua fala sua atuação como bibliotecário tenha tido início no seu retorno ao Brasil, em 1919, foi a entrada no Departamento de Cultura que significou a maior mudança no estilo de vida do entrevistado que, até aquele momento, guardava a paixão pelos livros no âmbito de sua vida particular. Na Divisão de Bibliotecas RBM teve oportunidade de atrelar sua paixão pelos livros às políticas públicas. A postura dos entrevistadores quando tocado neste assunto, indica que eles veem em RBM um protagonismo cultural (PERROTTI, 2017) significativo tanto no campo das bibliotecas quanto da cultura no país.

Ao tratar de sua formação como bibliotecário descreve a si mesmo como um autodidata. Primeiro menciona o fato de que estudou, comprou livros, leu, organizou bibliotecas – como por exemplo a biblioteca circulante e somente depois relata sua relação com as bibliotecas americanas. Afirma que, à época, os Estados Unidos tinham descoberto o Brasil e estava em plena política da boa vizinhança (MORAES, 1978)<sup>2</sup>.

Apesar de destacar que foi o livro *“Las bibliotecas em los Estados Unidos”*, de Ernesto Nelson, que o introduziu no campo de fazeres das bibliotecas, Moraes indica em seu discurso que tinha não só conhecimento das bibliotecas que frequentou como leitor e bibliófilo, como também conhecimento sobre as problemáticas que as bibliotecas enfrentavam no Brasil – especialmente no que diz respeito ao seu papel cultural e educacional. Moraes destaca que o livro de Nelson o introduziu na técnica bibliotecária, mas também e sobretudo em uma rede de pessoas citadas pelo argentino, por estarem ligadas às bibliotecas americanas e à reflexão sobre as problemáticas que ele já tinha questionado no campo das bibliotecas (MORAES, 1981).

RBM diz que tinha o sonho de organizar uma biblioteca decente em São Paulo, adjetivo esse que apareceu outras vezes como sinônimo de biblioteca acessível no que diz respeito à materialidade do livro e com acervo abrangente e atualizado. O termo atualização aparece inúmeras vezes nos discursos, notadamente como sinônimo de resposta a anseios de estudiosos ávidos por conhecimento. Já o adjetivo desatualizado é utilizado por Moraes para designar atrasos temporais e pequena abrangência cultural.

Após refratar a crítica sobre a situação da biblioteca estadual de São Paulo, destaca que, entre os intelectuais, ele era o único do grupo de modernistas, incluindo aí Mário de Andrade,

---

<sup>2</sup> Para saber mais sobre a política da boa vizinhança no âmbito das bibliotecas ver Fay (1943).

Paulo Duarte e Sérgio Milliet, que tinha noção de organização de biblioteca. Ao se referir a isso, não parece diferenciar que sua condição de bibliógrafo especializado o munia de interesses diferenciados, como sua afeição em compreender a cultura das bibliotecas que frequentou.

### **2.3. Um bibliotecário entre livros, experiências e representações**

Conforme já anunciamos anteriormente, RBM se reconhece como bibliotecário antes mesmo de iniciar seu trabalho no Departamento de Cultura (MORAES, 1981). Um dos verbos por ele utilizado para se autodenominar como bibliotecário é o ‘estudar’. O que, no seu caso, quer dizer autodidatismo. Sua excepcionalidade e experiência pautam seus discursos moralistas sobre a opção de ser bibliotecário (MORAES, 1980). Assim, relembra que se tornou bibliotecário por opção e exemplifica sua escolha relatando que financeiramente suas trocas de instituição não foram compensadoras. Possivelmente, por ter desenvolvido sua carreira no funcionalismo público nacional e internacional, Moraes se sente legitimado para criticar o “bibliotecário dos anos 1980”, que aderiu ao ‘comodismo’ da carreira que ele impulsionou. Lamenta o fato de que sua idealização não tenha se concretizado em ações objetivas em benefício da sociedade, mas somente em ‘carreira’ em postos públicos (MORAES, 1986).

Ao observarmos as formas de tratamento utilizadas por RBM para descrever outros bibliotecários e alunos de Biblioteconomia, observamos algumas distinções. Os alunos dos anos 1936, que para ele eram “rapazes e moças com vontade de aprender” (MORAES, 1981b, p. 5), são apresentados como bibliotecários. Nesse sentido, exprime alegria ao anunciar a ‘sorte’ que teve na escolha das primeiras bolsistas que fizeram parte da turma da Escola de Biblioteconomia do Departamento de Cultura e Recreação de São Paulo (MORAES, 1981b). Dentre elas cita Etelvina de Lima, de Minas Gerais, Bernadete Neves, da Bahia, e Ângela Jobim, do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>. Por outro lado, contrapõe sua ideia sobre alunos de Biblioteconomia quando, ao se referir aos alunos de Biblioteconomia dos anos 1980, os evoca como alunos desanimados (MORAES, 1980). Esta distinção causa incômodo em uma das entrevistadoras que estava ainda na condição de aluna do curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da USP. A aluna demonstrou não ter gostado da generalização de RBM sobre a geração de estudantes de Biblioteconomia na qual ela se enquadrava, pois não se via como aluna desanimada (MORAES, 1980).

As nomenclaturas usadas por RBM podem nos indicar pistas de representações que ele construiu sobre a identidade e a missão dos bibliotecários. No que se refere a primeira questão, apresenta uma visão bastante pessimista sobre o futuro. Alega faltar mentalidade bibliotecária e

---

<sup>3</sup> Moraes (1981b) e Moraes (1981). No caso da entrevista organizada pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MORAES, 1981) a então professora Etelvina Lima fazia parte dos entrevistadores.



sobrar mentalidade burocrática. Esta, ao seu ver, é responsável pela estagnação do projeto de Bibliotecas idealizado nos anos 1930.

Acontece o seguinte, é que a nossa civilização está ficando uma civilização diplomática, praticamente uma civilização de tecnologias, exclusivamente de tecnologia. Nós não podemos ir contra isso, mas não podemos esquecer que existe uma camada, e grande da população, das organizações que não está nesse nível. Existe o nível do povo, chamado povo, que precisa de outra coisa, não precisa de computador. Precisa aprender a ler e escrever, existe isso, no Brasil. [ ] Essa gente está completamente fora das cogitações, não só do governo, mas aí é que eu xingo os bibliotecários, por culpa dos bibliotecários. (MORAES, 1986, p.9)

É possível observar que na visão de RBM a biblioteca tem um papel fundamental na formação de leitores.

Ao longo das entrevistas, é recorrente a enumeração de motivos para sonhar com bibliotecas públicas nos bairros das cidades, conforme crescimento demográfico e contextos que apresentam 'situações novas' e, portanto, necessidade de 'novas bibliotecas' (MORAES, 1978, 1981b). Contudo, ao lembrar dos bibliotecários, complementa o discurso atribuindo a eles a responsabilidade sobre a negligência e abandono do papel educacional das bibliotecas públicas brasileiras. Segundo Moraes, um dos motivos é o fato dos bibliotecários vislumbrarem como solução para os problemas nacionais a adesão descontextualizada de novas tecnologias<sup>4</sup> e modelos de projetos que tiveram êxito em contextos diferentes dos encontrados no Brasil.

Assim, o entrevistado projeta como demanda dos anos 1980 bibliotecários que de posse de um conjunto de experiências, estudos e reflexões em torno do conhecimento acumulado no campo das bibliotecas se vincule à realidade com o intuito de transformá-la. Para ele, o movimento bibliotecário, iniciado nos anos 1930, sob impulso dos trabalhos da Biblioteca Pública Municipal, transformou-se em palanque de profissionais que se preocupam mais com sua visibilidade dentro do campo do que com o seu papel político de transformação cultural e social.

Embora nos anos 1980 fossem celebrados vinte anos da regulamentação profissional do bibliotecário por meio da lei n. 4084/62, RBM não comenta sobre essa conquista. Em vez disso, cita a Associação Paulista de Bibliotecários criada em 1938 para dizer que o campo fracassou em seu objetivo inicial (MORAES, 1981).

Portanto, o discurso de RBM é de que o movimento bibliotecário na década de 1980 perdeu consistência, se comparado aos primórdios do projeto cultural idealizado pelo Departamento de Cultura, como iniciativa de renovação do Brasil. Associa o insucesso do movimento ao fato de as associações profissionais olharem mais para sua própria estrutura, do que para o que já foi

---

<sup>4</sup> O termo tecnologia aparece diversas vezes em seus depoimentos, para referir-se às tecnologias de registro do conhecimento, comunicação e informação.

construído em termo de bibliotecas com vistas a continuar com o projeto de bibliotecas populares em bairros periféricos.

Ao destacar as bibliotecas de bairro, concebidas inicialmente como espaços de leitura destinada a comunidade de operários da década de 1930 em São Paulo, Moraes reforça o grau de importância que atribui ao contexto da comunidade de leitores. Tal constatação se confirma quando Moraes, várias vezes, em seus depoimentos, apresenta falas no sentido de defender que o plano de bibliotecas do Departamento de Cultura e Recreação tinha como fundamento estudos sociais. Ele relata que a divisão de Sociologia do Departamento de Cultura “fazia um estudo sobre a população, via onde havia necessidade mais premente para colocar uma biblioteca. (MORAES, 1982).

Paralelamente, a expressão “fazer coisas práticas” aparece quando Moraes tenta expressar sua indignação com o fato de os profissionais não interferirem em problemas sociais reais de seu contexto. Nesse mesmo sentido, lança críticas à formação de bibliotecários que, segundo ele, atinham-se à aprendizagem das técnicas. Defende que ao participar da concepção da primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil, o grupo queria “formar um tipo de bibliotecário que fosse um técnico, mas que soubesse o que contêm os livros, conhecesse os livros” (MORAES, 1981, p. 12).

Moraes ficou conhecido no Brasil e no mundo por trazer dos Estados Unidos a Classificação Decimal de Dewey, atualmente utilizada por grande parte das bibliotecas brasileiras. Por meio do curso do Departamento de cultura e, depois, da pioneira Escola de Biblioteconomia brasileira, foi possível formar uma rede de bibliotecários advindos de diferentes partes do Brasil para se formar em técnicas bibliotecárias, mas não só isso. À época houve uma seleção dos bibliotecários que seriam contemplados com bolsa para fazer o curso na cidade de São Paulo. Rubens destaca que a seleção realizada pela Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura de São Paulo tinha como princípio o fato de os alunos já serem antes bibliotecários em seus municípios e já terem sido “nomeados porque gostavam de livros”. Quando sublinha que tais bibliotecários “eram geralmente, poetas, escritores”, parece indicar preocupação com a formação de uma cultura criativa no campo das bibliotecas, na qual os profissionais, sob a égide do conhecimento, articulam interesses pessoais com interesses sociais.

RBM reconhece, todavia, que para ser bibliotecário não é suficiente só ter amor aos livros. Nesse sentido aponta para uma ideia do lugar da técnica no fazer bibliotecário. Para ele os profissionais que só “gostavam de livros” tinham cultura, mas eram um “desastre” no que diz respeito à necessária organização técnica das bibliotecas (MORAES, 1985). Isso, aliás, justificava

um curso com predominância em disciplinas técnicas. Entretanto, apresenta uma visão pessimista sobre o futuro profissional do bibliotecário restrito às técnicas<sup>5</sup>:

*“[ ] está ficando cada vez mais um técnico, e ele vai chegar ao ponto de ser um manobrador, um aperta-botão de computador. Isso é extremamente grave. O bibliotecário, mesmo num sistema inteiramente computadorizado, não pode deixar de ter uma certa cultura. Ele precisa saber o que os livros contêm; que livros comprar; em que livros ele obtém a informação que o leitor pede. Isso o computador nem sempre pode dar. O computador dá aquilo de uma maneira muito seca, só com o que foi alimentado; de maneira que o bibliotecário perde o contato com o público; isso, me parece, não deve acontecer”. (MORAES, 1985, p.2)*

Quando perguntado sobre as novas tendências de biblioteconomia, RBM não hesita em dizer que as novas concepções de Biblioteconomia fazem parte de um processo de amadurecimento, entretanto, sua impressão é que os bibliotecários trabalham “não para o público, mas para outros bibliotecários” (MORAES, 1985). Mais adiante na mesma entrevista ele completa:

*“Nós somos um país subdesenvolvido, extremamente pobre. Nós não vamos fazer bibliotecas em lugares onde 70% da população [é] analfabeta. De maneira que eu tenho medo de que essas altas cavalariças sejam mais úteis para os bibliotecários e para o pessoal que dirige os centros de informação, mesmo que o público não se beneficie disso”. (MORAES, 1985, p. 2)*

Moraes (1985) demonstra preocupação com a preservação do que ele nomeia como ‘espírito de classe’. Para ele, esse espírito deveria traduzir valores e discursos em ações sociais e educacionais. Ele fala de tensões internas ao campo. Rubens Borba de Moraes lamenta que nos anos 1980 os bibliotecários careciam de formação de cultura geral, tanto na sua formação acadêmica quanto na formação prévia. Para ele, o que influencia no sucesso da biblioteca, no âmbito social e educacional, não são só as teorias filosóficas mas o conhecimento sociológico em que foi pautado tal projeto, bem como a formação cultural dos bibliotecários. Além disso, apresenta como argumento de sua visão de Biblioteca a preocupação com o modo como estrangeirismos vêm dominando o *modus operandi* do que era para ser socialmente enraizado na realidade brasileira, tanto do ponto de vista cultural, quanto social (MORAES, 1978).

### **Considerações finais**

Ao encerrarmos a análise das entrevistas de Rubens Borba de Moraes proposta neste artigo destacamos em dois grupos a contribuição deste trabalho nos debates que envolvam o passado e o futuro da Biblioteconomia. O primeiro deles diz respeito à relação do profissional com o livro, a leitura, o estudo e a cultura geral; o segundo trata do movimento da classe bibliotecária

---

<sup>5</sup> Neste trecho do áudio RBM tem uma fala mais rápida e eufórica o que enfatiza sua visão pessimista no futuro da Biblioteconomia.

como movimento político-cultural. Esses temas foram os mais discutidos nas entrevistas, tanto por motivação dos entrevistadores quanto por interesse do entrevistado. Além do mais, os assuntos se entrecruzam nas conversas que deixam de ter linhas delimitadas como começo e fim.

Na leitura que RBM faz de seus colegas de profissão e também na sua auto apresentação é possível notar que ambas as narrativas passam pela esfera pessoal, especialmente no que tange a atribuição de sentido do livro (objeto), da tecnologia de registro de conhecimento (a escrita) e da biblioteca (instituição) na formação cultural do bibliotecário. Moraes associa a cultura geral do bibliotecário e sua relação pessoal com os livros à sua compreensão sobre seu papel político cultural. Aponta que fazer parte de um campo profissional outorga socialmente o sujeito para sua atuação na sociedade, mas seu reconhecimento social depende da atuação significativa em seu contexto. Nesse sentido, indica a compreensão do bibliotecário sob duas vertentes: a do intelectual autodidata e a do profissional engajado.

Ao se reportar aos anos 1930 e 1940, período em que esteve à frente da Divisão de Bibliotecas, Moraes apresenta as ações e conquistas do Departamento de Cultura em torno das bibliotecas como batalhas profissionais e político-culturais. Isso se deve ao fato de que conquistas profissionais, como a criação do primeiro Conselho Bibliotecário e a Associação Paulista de Bibliotecários, foram iniciativas inéditas para o contexto e tiveram repercussões significativas na formação do Brasil como Nação independente. A leitura de RBM sobre a participação ativa de bibliotecários nas ações de criação de bibliotecas e organização da classe bibliotecária apresenta uma perspectiva cultural haja vista as resistências apresentadas pelo contexto especialmente no que diz respeito às forças políticas atuantes em São Paulo e na capital do país.

Rubens utiliza o termo “classe” para se referir a momentos distintos de sua atuação e ou observação sobre o trabalho social de bibliotecários. O primeiro momento retoma a atuação bibliotecária nos anos 1930 e o segundo refere-se à atuação de profissionais contemporâneos a ele nos anos 1980. É importante destacar que Moraes não discorre sobre conquistas profissionais dos anos 1960 como por exemplo a Lei n. 4084/62 que regulamenta a atuação profissional do bibliotecário atrelando-a à formação em curso superior de Biblioteconomia em Escolas de Biblioteconomia regulamentadas. É por meio dessa lei que o bibliotecário ganha *status* profissional para atuar na sociedade e discutir questões ligadas às bibliotecas.

Quando Moraes compara as ações pioneiras com as dos anos 1980 não hesita em criticar a perda do espírito engajado dos bibliotecários para tornar-se uma classe desvinculada de seu contexto. Através da construção de seus relatos pessoais no campo, Moraes demonstra o que pode ser entendido por corporativismo profissional em detrimento de engajamento político. Ao

mesmo tempo, relata como os contextos políticos intervieram diretamente nos projetos de biblioteca e Biblioteconomia idealizados pelos modernistas.

Na condição de aposentado se autodescreve como bibliotecário responsável por conduzir um “movimento a favor das bibliotecas” e, sobretudo, um movimento agregador de bibliotecários. Relata suas experiências e aprendizados e não hesita em se colocar como “pai” que aponta os erros de seus filhos. Embora discorra longamente sobre os problemas enfrentados pelo campo, não problematiza a Biblioteconomia em seu percurso formativo como campo de estudos e de práticas. Ao atribuir os problemas do campo exclusivamente aos seus atores (bibliotecários e professores, incluindo ele mesmo) demonstra faltar-lhe amplitude visual para perceber a Biblioteconomia como um jogo simbólico de forças que se articulam interna e externamente e assim constroem coletivamente seus percursos, produtos e tradições.

A análise das entrevistas leva-nos a refletir sobre o quanto ainda temos que conhecer sobre os processos históricos que conduziram à constituição da Biblioteconomia brasileira, incluindo sua institucionalização e universitarização (BUTLEN, 2008).

Ao trazer à tona análise das problematizações aportadas por RBM, participante ativo das políticas culturais pré anos 1960, esperamos colaborar com os debates sobre a compreensão e resignificação da Biblioteconomia na contemporaneidade, vislumbrando um futuro promissor no que diz respeito à nossa atuação significativa e com significado na sociedade.

### **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

### **Referências**

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 119-144.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Briquet de Lemos, 2007.

BUTLEN, Max. **Les politiques de lecture et leurs acteurs, 1980-2000**. Lyon: INRP, 2008.

FAY, Lucy E. ALA Good Neighbors. **Books abroad**, v. 17, n. 2, p. 116-120, 1943.

MORAES, Rubens Borba de. **Aspectos históricos da biblioteca Mário de Andrade e o papel do Dr. Rubens na Biblioteconomia brasileira**. [Entrevista cedida a] May Brooking Negrão. Bragança Paulista, 1983.

MORAES, Rubens Borba de. **Depoimento de Rubens Borba de Moraes**. [Entrevista cedida a] Museu da Imagem e do Som de São Paulo. São Paulo, 18 de set. 1981.

MORAES, Rubens Borba de. **Depoimento sobre a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo.** [Entrevista cedida a] Antonio Agenor Briquet de Lemos. Bragança Paulista, 7 de set. de 1978. 14f.

MORAES, Rubens Borba de. **Entrevista a alunos de Biblioteconomia.** [Entrevista cedida a] Alunos da Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 1980.

MORAES, Rubens Borba de. **Entrevista de Rubens Borba de Moraes.** [Entrevista cedida a] GOMES, Marco Aurélio da Filgueira. Bragança Paulista, 15 de set. 1982.

MORAES, Rubens Borba de. **Entrevista de Rubens Borba de Moraes.** [Entrevista cedida a] Professores da Escola de Comunicações e Artes. Bragança Paulista, 1986.

MORAES, Rubens Borba de. **Entrevista com Rubens Borba de Moraes.** [Entrevista cedida ao] 1982.

MORAES, Rubens Borba de. **Memória oral, 2.** [Entrevista cedida a] Terezinha Marinho em Bragança Paulista. 22 de out. 1982. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória. 1987. 48 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz:** prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

MORAES, Rubens Borba de. **O engenheiro, o bibliotecário e o sentido de um projeto cultural.** [Entrevista cedida a] Sebastião de Souza. 1985.

NELSON, Ernesto. **Las Bibliotecas en los Estados Unidos.** Nova York: Biblioteca Interamericana, 1927, v. 6.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: Gomes, H. F.; NOVO, H. F. (Org.). **Informação e protagonismo social.** Salvador: EUFBA, 2017. p. 11-26.

PIZARRO, Daniella Câmara. **Entre o saber agir e o saber fazer:** o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina. 530 f. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

REIPERT, Herman José. **História da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade.** São Paulo: Departamento de Cultura, 1972.